

JOHN HACKER

WORM

FICCIÓN Y DERECHO 4
UBA
2018

WORM

“O poder brota do cano de uma arma”
—MAO TSÉ-TUNG¹—

1. INTRODUÇÃO

Não tenho nome nem sei quem me criou. Isso pra mim não conta. Tenho preço. As pessoas me conhecem por WORM². Em inglês, significa “verme”. É isso o que eu sou. Um vírus autorreplicante que pode agora mesmo estar destruindo o seu computador enquanto você futuca a minha vida para rir da minha cara. Desde que o mundo é mundo jogar as nossas falências no colo do outro sempre foi um grande negócio. Purga a nossa culpa, perdoa nosso pecado original. É fácil apontar seu dedo sujo para a ferida do outro e condená-lo à revelia. ¿O que você sabe da história dele? Que alma se esconde por baixo daqueles andrajos? Ou daquele smoking? Creiam-me, senhores! Todo homem tem um fundo falso, um pequeno vão entre o que ele realmente é e o que gostaria de ser, onde guarda a sua alma imoral, a sua vilania e os seus desejos mais secretos. É nesse alpendre imundo, de luz morrediça, que mora o seu não-ser, o avesso, o jardim da sua afetividade ou o espinho do mal. É dali que, por alguma razão desconhecida, emerge o homem vil, aquele vizinho que você julgava inofensivo e de repente descobre que mantém uma mulher estranha acorrentada aos pés da cama há mais de dez anos, para violentá-la quando voltar bêbado ou chegar da missa. Esses vermes sociais

¹ARENDR, Hannah. **Sobre a violência**. RJ: Civilização Brasileira, 2011, p. 26.

² Em informática, “worm” é um tipo de vírus autorreplicante que se instala num computador e replica cópias de si mesmo, infectando vários outros computadores.

não nascem assim, como musgos que numa manhã de outono brotam entre as lajotas de um muro caindo aos pedaços. Decididamente, não. Vão se formando aos poucos, como uma catástrofe, como um dique que se rompe depois de anos e anos atingido todo santo dia por míseras gotas de um vazamento que ninguém viu. Ninguém que eu conheça acordou numa manhã de domingo com a luz do sol batendo na cara e decidiu ser ladrão, assassino ou estuprador, assim como alguém decide ser advogado, astronauta, sapateiro ou jogador de futebol. A existência do homem precede à sua essência, disse SARTRE. Primeiro, o homem nasce, mas só depois começa a existir para o mundo. Um martelo nasce para martelar, pedras nascem como pedras e não se tornam nada além disso, mas o homem se faz aos poucos, a partir das escolhas pelas quais se decide ao longo do caminho e organiza a vida. Vai se construindo e desconstruindo. Não é senhor do seu destino. Na maioria dos casos, as circunstâncias empurram o sujeito para ofícios perigosos, insalubres ou degradantes como coveiros, lixeiros, prostitutas, limpadores de fossas, *drag queens*, provadores de cigarro, mergulhadores de profundidade, enfermeiros de hospícios e agentes penitenciários. É tudo questão de conveniência e oportunidade. No mundo da delinquência, daqueles que vivem no limbo, na *interface* entre o lícito e o ilícito, o moral e o imoral, é o crime quem escolhe seus parceiros dentre os mais hábeis ou mais otários. É outra questão de conveniência e oportunidade. Foi assim comigo, um autorreplicante especializado em roubar a grana dos outros. Foi assim com milhares de outros delinquentes cibernéticos antes de mim e será assim com os otários que vierem depois. Agora, sem qualquer arrependimento, eu estava ali pregado naquela cadeira gelada conectada a um cabo óptico que me ligava a uma esteira rolante, espreitando com certa curiosidade aquele estranho

ritual. Havia uma penca de formalidades a serem cumpridas antes que o carrasco fizesse a esteira deslizar até um buraco cavado na parede no fundo da sala e me despejasse naquela AIR EXHAUST³, como sobras azedas de *fast food* ou um jornal de ontem. Ninguém sabia ao certo o que tinha naquele *cyberumbral* depois do buraco, mas ¿o que isso importa se o sujeito simplesmente não voltaria para contar? Dali a pouco o Estado decretaria o meu fim, um sujeitinho indesejável. Um não-ser. O Estado não está nem um pouco interessado em saber que razões eu tenho para continuar vivendo, já que lhe basta ter meia razão para achar que devo morrer. O Estado é a força, e mata de muitas maneiras. Com a morte do condenado, o Estado cumpre seu papel fundamental: livrar o bem do mal. Essa morte pode ser física ou civil. ¿Que diferença faz? As piores formas de matar são o descaso, a indiferença, a intolerância e os impostos. Quem vive na miséria, quem depende de uma bolsa-família para continuar vivo ou de um hospital público para um câncer terminal, quem já sentiu na carne a truculência da polícia porque é preto ou gay, quem sofre diariamente uma *capitis deminutio* patrocinada pela indiferença do Estado porque é analfabeto ou deficiente físico ou simplesmente porque suas convicções políticas ou religiosas não são do agrado do *establishment*, quem delinuiu e carrega na face o aleijão da pena e não consegue emprego em lugar nenhum, exceto voltando para o crime, já recebeu do Estado uma sentença de morte civil. O seu crime jamais prescreverá. Vai morrer todos os dias da sua vida até que o último fiapo de alma escoe por algum buraco fedido do seu corpo e ele mesmo vire manjar para minhocas e outras criaturas que fazem do jazigo um condomínio de luxo. O socialismo □ *convenhamos* □ só deu certo no mundo dos

³Saída de ar.

vermes. Ali, todo mundo é igual. Ainda que por cima do cadáver os que ficam ergam mausoléus arrogantes como o Taj Mahal, o Toshogu, Gizé ou Westminster, o sujeito que chega é apenas mais um convidado para o jantar. Com uma diferença: ele é o jantar e fica mais suculento à medida que apodrece. Mas, torrar um *hacker virtual* como eu num forno de 1000°, mantido com dinheiro público, sai caro e pode ser um desperdício. Sou tão inútil que melhor seria que não existisse. Nessas hipóteses, o Estado decide vomitar o dejetos numa DEEP WEB.

É o meu caso.

2. O BANCO

“*Eu sou eu e minhas circunstâncias*”.

—ORTEGA Y GASSET—

Quase todos os meus amigos de colégio, pequenos larápios da época de bebedeira e de bolinação de coleguinhas eram agora altos executivos dos conglomerados internacionais, cientistas de renome, artistas virtuosos, atletas de ponta. Um ou outro, embora não tivesse dado sorte na vida, fugira da delinquência. Ou, pelo menos, haviam escolhido uma bandidagem mais *soft* como casar-se com mulheres ricas e torrar a grana da família, virar político e viver da corrupção ou da miséria dos eleitores. Uns poucos viraram bêbados e andavam pelas ruas revirando lixo, mijando nas calças e conversando com postes. Eu, não. Diziam que eu tinha talento suficiente para ser um magnata das finanças, um *popstar* ou campeão mundial de alguma coisa, mas o destino me pregou uma peça. O crime me escolheu. Ou eu estava no lugar errado, na hora errada. ¿Quem há de saber?

Durante muitos anos, à noite, antes de pegar no sono, aquela cena na agência bancária vinha-me à mente como uma *template* irremovível. Eu franzia a testa, tentava puxar o sono pela perna. Nada! Nas alucinações antes do sono via sempre aquele homem cego, vestido com elegância, tateando com dificuldade o teclado do caixa automático. Notara que o sinal sonoro que o teclado em braile emitia para esses clientes especiais não estava funcionando e acompanhava de longe o desespero do infeliz para sacar seu dinheiro ou fazer alguma transação financeira. Implorava alguma ajuda sem dizer palavra. Além de nós não havia ninguém na

agência. Maldita hora, aquela, em que perguntei ao coitado se precisava de ajuda. O homem disse que sim e amaldiçoava o sistema sonoro do equipamento que falhara justamente quando ele mais precisava. Ajudei o velhote a posicionar o polegar sobre o leitor óptico, mais para cima, mais para a esquerda, pressione com mais força, mas a tela dizia que tinha sido impossível ler a digital. Tentamos uma, duas, três vezes, mas a informação era sempre a mesma. Trocamos de máquina, repetimos a operação outras tantas vezes. Nada. Os terminais não liam a digital do velhote. Talvez os dedos estivessem sujos, gordurosos, talvez a idade tivesse esmaecido os sulcos do polegar e fosse impossível identificar a digital esgarçada. ¿Quem sabe se arejasse a superfície da falange? Procurei, em vão, uma folha de papel para limpar o polegar, mas só havia folders plásticos. Foi então que me lembrei do vidrinho de gel antisséptico à base de silicone que trazia no bolso da calça depois que uma infecção na unha me rendera duas semanas de desconforto. Despejei um pouquinho no polegar do velho, espalhei levemente o líquido por toda a planta da falange, soprei, abanei com a mão para que secasse mais rapidamente e esperei alguns segundos. Deu certo. Depois que o produto criou uma leve crosta puxei com cuidado a película ressecada para que não deixasse resíduo no polegar do sujeito. Deixei a película num canto e botei de novo o dedo do cliente no leitor da máquina. O sistema abriu uma segunda tela. ¡Ufa! Iniciou, finalmente, a rotina de saque. O homem agradeceu a gentileza e continuou o resto do procedimento sozinho. Saí, desejei-lhe boa sorte, fui até um bar, pedi um café. Tentei prestar atenção ao telejornal que noticiava um acidente de trânsito com vítimas, outro caso de corrupção desbaratado pela polícia federal, reparei nos clientes ainda sonolentos e mal-humorados àquela hora do dia. Tentei encher a cabeça com alguma ideia útil,

mas a cena na agência bancária ficara na memória. Paguei o café, deixei as moedas de troco sobre o balcão, saí à calçada, botei no canto da boca um cigarro que não cheguei a acender e rumei a pé para o centro da cidade. Do nada, dei meia-volta e caminhei em direção ao banco. Na cabeça, um turbilhão de imagens misturadas como um bando de formigas em volta de um pingo de leite derramado sobre a mesa. Quando me dei conta estava outra vez na agência. A película de silicone ainda estava no mesmo lugar. Peguei a resina, dobrei as pontas com cuidado até arredondá-las na forma de um polegar e coloquei-a de volta sobre leitor óptico. O sistema abriu o menu de tarefas e, como se alguém me forçasse a mão, toquei em “saldo na tela” e, depois, em “sacar”. O cliente era dono de uma conta com bom punhado de dígitos depois dos dois algarismos iniciais. Olhei para os lados, fingi aguardar a máquina trocar de tela, tamborilei com os dedos no teclado como que enfastiado pela lerdeza do sistema eletrônico. Com cuidado, como se apreciasse a arquitetura do lugar, olhei de rabo de olho para um ponto luminoso acima da minha cabeça. Tava na cara que era uma teletela que fotografava os usuários dos caixas. Fingi naturalidade e voltei à tela. Tirei uma pequena fortuna, suficiente para vagabundear por um mês. Não ganharia aquela grana nem em um ano trabalhando duro. “Sempre há uma primeira vez, irmão” — *pensei* —. Não vai fazer falta numa conta com tantos dígitos” — perdoei-me.

Guardei a película com cuidado na carteira de documentos e pus-me à rua. Acendi o cigarro, enfiei a mão no bolso da jaqueta e acariciei o maço de notas! Que sensação maravilhosa!

Naquele dia, tinha decidido transpor a linha tênue que separa as pessoas na vida civil. Tomei o rumo do centro da cidade, cantarolando baixinho:

*“El farolito de la calle en que nací
fue el centinela de mis promesas de amor,
bajo su inquieta lucecita yo la vi
a mi pebeta luminosa como un sol”⁴.*

— ¡Táxi!

⁴GARDEL. “**Mi Buenos Aires Querido**”.

3. UM DIA DA CAÇA, OUTRO DO CAÇADOR

“O criminoso sempre volta ao lugar do crime.”
—ANÔNIMO—

Certos restaurantes temáticos nas grandes cidades têm aquários entre as mesas para que a clientela escolha o peixe que quer comer. Alguns permitem que o próprio cliente fisque a vítima que vai acompanhar o vinho e um *petit-gâteau* ao final. É curioso como ninguém se dá conta de que ao escolher o peixe e fispá-lo para levá-lo à panela o cliente é cúmplice de um assassinato. É um crime com agravante, convenhamos, porque o defunto não tinha como se defender. Embora banal, essa sensação de impunidade poderá trazer o cliente de volta muitas vezes ao local do crime apenas pelo prazer de enfiar um espeto na barriga do animal. É uma necessidade atávica que qualquer policialzinho chinfrim sabe de cor. Por uma razão inexplicável, o criminoso sempre volta ao local do crime. Psicólogos forenses tratam essa compulsão como uma urgência doentia que o assassino tem de se comprazer com o sofrimento da vítima para punir a si mesmo infligindo ao outro uma dor física ou emocional que, no fundo, ele acha que merece sofrer para expiar seus próprios pecados. Nos crimes sádicos, o maníaco mutila a vítima pelo prazer de imaginar a dor do outro como se fosse a sua, ou simplesmente para desafiar o aparato punitivo do Estado, vangloriando-se da própria esperteza. Tornar a ver o requinte da crueldade com que a vítima foi abatida parece dar ao assassino a oportunidade de matá-la de novo e saciar a sede de vingança que o primeiro homicídio deixou pela metade. É uma forma de erotizar a violência como mecanismo de compensação da própria dor ou da

própria frustração. Por isso, é tão comum que estupradores sádicos visitem os velórios das vítimas para consolar parentes emprestando o calor de um ombro amigo, de uma palavra de alento.

Durante um bom tempo voltei àquela agência para sugar o dinheiro do velhote abastado, sempre aos poucos para não dar pinta, até que a impressão digital na película de silicone se esgarçou e o sistema passou a rejeitar meus saques. Trabalho □ *eu dizia nas minhas considerações helênicas* □ era função dos escravos e dos parvos. Homens cultos como eu dedicavam-se às Artes, à Política e à Guerra. Como não tinha talento para as artes ou política nem o país estava em guerra, dedicava-me à bandidagem. O crime escolhera-me e agora eu pertencia aos que habitavam o lado de cá.

Dia após dia rondei os caixas com o vidrinho no bolso, ávido por algum incauto que me pedisse ajuda. Sem sucesso. Vi que o negócio de fraudar finanças alheias tinha futuro e passei a clonar cartões de crédito, invadir sistemas financeiros, extorquir empresas, governos e bancos. Logo me tornara um respeitável empresário do ramo, com filiais em muitos países. Centenas de sujeitos anônimos integravam essa teia invisível e me pagavam parte do butim pelo que eu lhes ensinava. Socialites, organizações criminosas, grupos terroristas, ditadores, Estados de aluguel, multinacionais predatórias, políticos corruptos, doleiros, narcotraficantes, pistoleiros, todos eram meus clientes e depositavam milhões por dia nas minhas contas bancárias espalhadas por diversos paraísos fiscais. Mesmo assim, para matar a saudade, de vez em quando eu voltava à agência onde nascera para o crime e fazia um saque ou outro na conta de algum otário. Apenas o suficiente para um jantar fino, um bom *malbec* numa companhia feminina agradável.

Já não era preciso invejar meus amigos de colégio. Tinha, enfim, descoberto o meu talento. Mas, o sucesso no crime é apenas

o reverso da moeda. A outra face chama-se azar. Foi com certa dose de espanto que num desses saques clandestinos vi dois policiais esganando o meu pescoço enquanto um terceiro torcia meus braços às costas com um grosso par de algemas. O dono da conta tinha morrido há dias e o banco, a pedido da família, bloqueara seus ativos até que se abrisse o inventário. A repentina movimentação bancária alertara o sistema de segurança da agência. Eu tinha dado um passo em falso.

Um dia da caça, outro do caçador.

E o caçador à minha frente tinha uma escopeta de dois canos engatilhada a um palmo do meu focinho e nenhum motivo para acreditar que se tratasse de um lamentável equívoco.

¡Perdeu,playboy. Perdeu!

3. BEM-VINDO AO INFERNO

“*Todo Estado baseia-se na violência*”.
—TROTSKY⁵—

Lendas medioevais diziam que o pênis do Diabo era gelado⁶. Elton John disse que “Marte não é um bom lugar para criar seus filhos porque é tão frio quanto o Inferno⁷. O inferno, segundo Dante, é um reino gelado onde mora a escória da humanidade como Caim, Judas, Lúcifer e, mais modernamente, uma meia-dúzia de facínoras como Nero, Quianlong, Stálin, Hitler, Saddam Hussein, Ossama Bin-Laden. Em breve, um inferno desses me receberia como o seu mais novo inquilino.

Amarrado naquela cadeira, uma gargalhada de escárnio seguida de grossa cusparada na cara foi o modo mais gentil que encontrei para responder ao agente policial se tinha algum último pedido a fazer antes de embarcar para o meu condomínio de luxo. O carrasco se identificara pelo seu número de matrícula. Era necessário que eu, cadáver adiado, soubesse o nome do meu algoz para o caso de querer rogar alguma praga ou alguém da família reclamar indenização. É direito do preso saber quem o prende e quem o está matando em nome do Estado. Atestar o fim da vida de um condenado à morte é ato muito importante para o *establishment*, por isso esse monte de assinaturas digitais, selos holográficos, senhas criptografadas e carimbos. Muitos carimbos. Antes mesmo de ser física, a morte de um detento é civil, jurisprudencial. O direito

⁵ HARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. RJ: Civilização Brasileira, 2011, p. 51.

⁶ HILLMAN, James. **The Dream and the Underworld**. New York: Harper and Row, 1979, p.168-171.

⁷ JOHN, Elton, **Rocket man**: “*Mars ain't the kind of place to raise your kids In fact, it's cold as hell*”.

não sabe definir o que é vida ou morte e não pode dizer se alguém está morto ou vivo. Não tem conceitos exatos para esses acontecimentos mundanos. Há presunções de morte para fins hereditários, como a do sujeito confinado numa guerra, em lugar ermo, ou de alguém soterrado por um terremoto depois de dias e dias de procura inútil. São presunções para que a sociedade dê destino ao seu espólio, para que os que ficam se aproveitem dos seus restos, sua prole possa ter uma origem cartorária e convenções sociais como casamento, uso do nome e batismo possam permanecer para a glória ou desonra de sua linhagem. É bem por isso que o Código Civil diz que a existência da pessoa natural começa com o “nascimento com vida” e termina “com a morte”. Esses conceitos □ *nascimento, vida, morte* □ não são jurídicos. Trata-se de uma metalinguagem, uma ficção que os juristas criaram para justificar a importância do próprio ofício e para dar alguma significação à efêmera aventura dos homens sobre a Terra. O direito se apropria da linguagem da medicina.

Impassível e sem saco, o serventuário limpou com a manga do uniforme a imundície que lhe cuspi na cara e anotou qualquer coisa numa tela plana de uma engenhoca colada no braço do macacão. Às dez em ponto uma placa halógena emitiu um zunido suave e ponteiros virtuais surgiram na parede da sala indicando a hora da execução. O carrasco tocou num totem à sua frente e verificou se havia alguma novidade sobre o caso. Era um procedimento obrigatório para o caso de a sentença de morte ter sido comutada ou adiada por conta de algum recurso interposto por advogados caros ou pedido de clemência de alguma autoridade eclesiástica.

Não havia.

Não conheço nenhum advogado. Essa raça tem

consciência alugada e é muito perigosa. O melhor a fazer é sair do seu caminho. Por outra, desde que flagrei o padre da paróquia fornicando com minha mãe na sacristia, concluí que a promessa do Paraíso era um estelionato. Torço a cara para tudo o que seja ligado a padres, santos e igrejas. Padres são SERIAL KILLERS que só não estão em masmorras úmidas em razão de sua ganância e pia vocação para a pedofilia porque têm um álibi infalível: dizem que falam em nome de Deus.

Gente hipócrita!

Idolatravam o Menino Jesus e negam o batismo aos filhos de mães solteiras.

¿Por acaso Maria tinha certidão de casamento?⁸

Se eu fosse um dos dois na cruz com o Nazareno seria Barrabás, e não Dimas.

O último movimento dos autos do processo trazia apenas a expressão fria “cumpra-se”. O funcionário tocou num dispositivo à frente e um fecho de luz se projetou sobre mim, pregado naquela cadeira e vigiado por dois guardas com focinhos de rottweiler. Tinham na cintura suas TASERS GUN⁹ com cargas suficientes para derrubar três ou quatro homens. Assim que o fecho de luz tocou os braços da cadeira grossas lâminas de aço escovado em forma de garras se fecharam rapidamente sobre o meu corpo como um polvo faminto em busca de um crustáceo distraído. Os únicos movimentos possíveis eram os dos olhos, dos dedos e da boca.

No mais, eu era um alvo fixo.

Terminada a primeira etapa, a da verificação dos

⁸REICH, Wilhelm. **Escute, Zé-Ninguém!**SP: Martins Fontes, 207, p.39.

⁹ Pistola de eletrochoque.

prontuários e selos por meio dos quais o Estado cobra as taxas ao defunto e dá por cumprido o protocolo de fritar o larápio num formo até virar um monturo retorcido e disforme, outro funcionário viria examinar os restos para declarar oficialmente a morte e, depois, um terceiro recolheria o refugo carbonizado para jogar em algum lixão da periferia. Parar esses empregadinhos estatais os defuntos justificam a sua existência inútil.

Circunspecto, o funcionário olhou para o padre e assentiu com a cabeça. O vigário aproximou-se, botou no pescoço uma estola branca com o sinal da cruz, passou o dedo no ar a um palmo do meu nariz e um missário virtual surgiu à sua frente, flutuando numa intensa luz carmim. O Estado é laico, mas os seus crimes são praticados com fé pia e inabalável. Com a mão espalmada o padre fez um movimento no ar e abriu o livro santo. Depois, com uma cânula de luz aspergiu sobre mim o óleo dos enfermos consagrado na Missa Crismal e começou a extrema-unção:

— Por esta santa unção e por sua grande misericórdia, Deus te perdoe por tudo o que fizeste de mal pela vista, ouvido, olfato, gosto, palavras, tato e passos. Amém.

Em seguida, como se aquele sacramento bobo já não lhe significasse coisa alguma, fechou o missário virtual e deixou a sala.

Havia em tudo um insuportável cheiro de morte.

Um raio ultravioleta imprimiu na minha testa um código de barras do tamanho de uma unha. A esteira começou a deslizar lentamente para o buraco no fundo da sala. Depois dali, eu despencaria na DEEP WEB, o novo lar dos dejetos cibernéticos. Em segundos CARONTE, o barqueiro de HADES, viria buscar-me para uma

longa travessia sobre as águas revoltas do ESTIGE e do AQUERONTE, última fronteira entre o mundo dos vivos e o dos mortos¹⁰.

Era o fim.

¹⁰Na mitologia grega, CARONTE é o barqueiro de HADES, senhor do Submundo, que atravessava as almas até o Inferno através dos rios ESTIGE e AQUERONTE. Quando alguém morria, HERMES vinha recolher a sua sombra (alma).

4. DEEP WEB¹¹

A alma também deve ter suas cloacas particulares por onde escorre suas imundícies¹². DEEP WEB é a cloaca do mundo PONTOCOM¹³. É aqui que os humanos defecam o pior do lixo cibernético que produzem. O lugar é frio, impessoal, mudo, sem graça. Uma terra de ninguém. Aqui, só há uma lei: atire primeiro. Há uma permanente sensação de que olhos frios e penetrantes te veem de algum canto escuro. Em cada esquina você encontra um vigarista oferecendo filmes piratas, passaportes falsos, cartões de crédito clonados, games que estimulam racismo, pedofilia, genocídio ou terrorismo. Ou ensinam a criar vírus letais para destruírem o computador do seu vizinho ou das empresas ou como se tornar um *hacker* respeitado, fazer uma bomba caseira com uma garrafa pet, criar uma página falsa de banco para furtar dinheiro de correntistas abonados e velhinhas aposentadas. Sua placa-mãe é uma DJEMAA EL FNA¹⁴ onde se vende de tudo: maconha, arquivos pedófilos, crack, LSD, segredos da CIA, do FBI e do Mossad, ritalina, Xanax, cocaína, MDMA,

¹¹ *Deep web* ou *internet profunda* é o lado negro da internet. Motores de busca convencionais (Google, Yahoo, Bing etc) não são capazes de acessá-la. Segundo dados da Universidade da Califórnia (2001), a internet invisível é cerca de 400 a 550 vezes maior do que a internet visível. Cerca de um trilhão de páginas não estão indexadas na internet visível. Disponível em: <<http://www.superdownloads.com.br/materias/6136-deepweb-conheca-submundo-da-internet.htm>>. Acesso em: 6/5/2017. Ver, também: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Deep_web>. Acesso em 10/5/2017.

¹² Nietzsche

¹³ Mundo cibernético, virtual.

¹⁴ Na *Djemaa el Fna*, praça no centro de Marraquech (Marrocos), comerciantes, beduínos, tuaregues, encantadores de serpentes, adestradores de macacos, dançarinos e gente do mundo todo se encontram para comprar, comer e se divertir. “*Djemaa el Fna*” significa *Assembleia dos Mortos*. Antes de ser um grande mercado aberto, era ali que os criminosos eram enforcados.

metanfetaminas. Aqui é a Meca do contrabando, da lavagem de dinheiro, da podridão institucional. Por um punhado de BITCOINS¹⁵ você pode contratar um assassino para detonar o seu chefe, sua ex-mulher ou a namorada que engravidou e não quer abortar, extorquir, forjar um flagrante para incriminar seu desafeto ou comprar um PAPERVIEW para ver um estupro ao vivo ou alguém tirando o escalpo de alguém numa periferia qualquer de alguma cidade do interior. Tudo em tempo real. Foi ali que o Estado decidiu me trancafiar até que a última molécula de cristal de silício dos meus WAFERS¹⁶ apodrecesse.

Assim que a tampa do bueiro na parede da sala de execuções se fechou às minhas costas me vi num lugar ermo, completamente escuro e frio, em meio a montes de cabos eletrificados, conectores de energia, discos rígidos, unidades ópticas, placas de expansão, coolers e processadores periféricos. Desvencilhei-me desse cipoal de porcarias com alguma dificuldade e desci uma funda ribanceira agarrando-me a uma fibra óptica até a margem de um rio de cádmio que escorria pelo WINCHESTER¹⁷ e se esparramava por uma URL¹⁸ desconhecida. Já trafiquei uma vez um contêiner de cádmio para um grupo terrorista sírios que queria infectar a água de uma vila curda para forçar a criação de um califado e sabia que o produto era carcinogênico, provocava descalcificações e reumatismos e destruía hemácias e tecidos dos

¹⁵ *Bitcoin* é uma moeda digital. Não é emitida por nenhum governo. Disponível em: <<http://www.infomoney.com.br/blogs/cambio/moeda-na-era-digital/post/3160782/dez-formas-explicar-que-bitcoin>>. Acesso em: 5/5/2017.

¹⁶ *Wafer* é a matéria-prima da construção de um chip. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI239975-17770,00-COMO+OS+CHIPS+SAO+FABRICADOS.html>>. Acesso em: 4/5/2017.

¹⁷ Disco rígido

¹⁸ "URL" (*uniform resource locator*) é o endereço virtual de um recurso disponível em uma rede de computador. É composto de um protocolo HTTP (protocolo de comunicação) ou FTP (forma rápida de transferência de arquivos na internet). Disponível em: <<https://www.significados.com.br/url/>>. Acesso em 4/5/2017.

testículos. Olhei para os lados procurando um jeito de sair dali. Merda! Não havia nenhum SLOT¹⁹. O jeito era arriscar. Pendurei-me num SHIELDED TWISTED PAIR CABLE²⁰, tomei impulso e lancei-me no vazio. Espatifei-me na margem do rio de cádmio. Levantei-me ainda tonto. Sentia uma intensa dor na cabeça. A vista escurecia. Tentei, sem êxito, estabelecer pequenas conexões primárias. Que cagada! O SILO BUFFER²¹ estava danificado. Encolhi-me, procurei nos bolsos uma pequena chave e acionei o BACKUP AUTOMATION²² até acessar meu BACKUP DATA²³. Deu certo. Outra vez estava de posse de minha AUXILIARY MEMORY²⁴.

— ¡SLAVE! SLAVE!¹— *ouvi uma voz esganiçada saindo de um microprocessador*□. Não dei bola. Fingi que não era comigo.

— ¡Apresente-se ao barqueiro, SLAVE! — *a voz continuou*
— Isto é uma ordem! Apresente-se imediatamente ao barqueiro!

Continuei parado.

Um fecho de luz ionizante saído de uma das mãos de CARONTE espatifou-se diretamente no código de barras que o funcionário do Estado cauterizara na minha testa na sala de execuções. Levei um baita SNAPSHOT DUMP²⁵ na cara e, com o tranco, caí sentado. Quando acordei estava no passadiço da barca de CARONTE, apinhada de escravos destinados aos campos de trabalhos forçados dos diversos infernos de HADES. Acomodei-me como pude e logo recebi no lombo uma chibatada de raios-gama vinda de CARONTE, sentado como um rei na popa da embarcação.

¹⁹Fenda, abertura, encaixe.

²⁰Cabo de par trançado blindado.

²¹Área da memória que serve como depósito dos dados utilizados na comunicação.

²²Recuperação automática de dados.

²³Dados de reserva.

²⁴Extensão da memória principal de um computador.

²⁵Descarga parcial instantânea.

“¡Reme, homem. Reme!”, disse-me um sujeito esquelético, com uma imensa cicatriz na cara, provavelmente deixada por um vírus letal ou um BAD BOCK²⁶. “E enfie os dois pés naqueles SLOTS ali embaixo se quiser chegar inteiro ao inferno” □ *disse o estranho* □. “¿Por que devo fazer isso?” □ *retruquei* □. “Não deve □ *disse-me o outro* □. Apenas se quiser conservar as pernas. O mar à frente é muito mexido e se você não estiver preso os bichos marinhos arrancam os seus cambitos”. Fiz o que o estranho mandou. Assim que meus pés tocaram os SLOTS tornozeleiras eletrônicas se fecharam sobre minhas canelas, grudando-as ao banco. “Bem-vindo ao clube □ *disse-me o homem estendendo-me amistosamente a mão* □. TROJAN, a seu dispor. Mas pode me chamar de TJ”. “¿Você é um vírus?” □ *perguntei sem esticar a mão para o sujeito* □. “¿Por quê? □ *o estranho retrucou* □ A madame tem nojinho de vírus?” □ *o cara soltou uma gargalhada, mostrando uma boca quase sem dentes* □. “Pra mim tanto faz” □ *respondi-lhe* □ “É tudo farinha do mesmo saco”. “¿É sua primeira vez neste piquenique escolar, amiguinho?” □ *o outro puxou conversa sem acusar o golpe* □. Dei de ombros. “¿Para onde estão nos levando?” □ *perguntei-lhe enquanto olhava, ressabiado, aquele emaranhado de fios e chips barulhentos*. “Depende do que você fez no lado de lá” □ *o outro disse*. “Não fiz nada que não devesse ter feito”, respondi-lhe. “Ah, claro □ *TJ respondeu com sarcasmo* □ Você deve ser mais um anjinho injustiçado por um Estado racista, opressivo e preconceituoso. No mínimo, a Comissão de Direitos Digitais já fez um protesto no congresso em seu favor”. Em seguida, arrematou: “Escute, meu chapa. Estou há muito tempo neste esgoto. Aqui todo mundo é santo, fez primeira comunhão e rezava antes de dormir”. “¿Já esteve

²⁶ Bloco defeituoso.

aqui antes?” □ *perguntei-lhe* □. “Por recomendação médica □ *TJ pilheriou* □ A brisa fresca do litoral faz bem aos meus chips de memória remota”. “¿Para onde vão te mandar desta vez?” □ *insisti* □ “Para os CAMPOS ELÍSEOS é que não é. Ali é a morada de heróis e mortais extraordinários. Acho que não é bem o meu caso”, respondeu. “Para ASFÓDELOS também não. É um lugar para pessoas comuns e de comum eu não tenho nada. Acho que meu destino é o TÁRTARO. Ali só tem gente da minha laia. Isto é: se conseguir passar por CÉRBERO, mas isso vai depender do humor dos JUÍZES DOS MORTOS”²⁷. “¿Pode ser mais claro?” □ *disse-lhe, sem entender nada do que dizia* □. “Escute, novato □ *disse-me TJ* □. Costumo cobrar por estas minhas aulinhas de geopolítica do submundo, mas hoje estou em liquidação. Vou explicar”.

E explicou-me que o mundo de HADES era cercado por cinco rios perigosos: AQUERONTE, o Rio da Dor; CÓCITO, o Rio do Lamento; LEITE, o Rio do Esquecimento; FREGETONTE, o Rio do Fogo e ESTIGE, o Rio do Ódio. Depois de cruzar todos esses rios, os condenados tinham de passar por CÉRBERO, o cão de guarda de HADES, e só depois podiam entrar no Submundo. CÉRBERO tinha cinquenta cabeças e se alimentava de carne crua, por isso não mexia com os mortos. Sua função era impedir que mortais vivos entrassem em seus domínios e permitissem a fuga das almas. Nos ELÍSEOS moravam as almas nobres, extraordinárias. Nos ASFÓDELOS, as almas comuns. E no TÁRTARO, restos como eles e os coleguinhas da barca de CARONTE, o escarro da sociedade.

□ Mas os piores □ *TJ trazia o horror estampado na cara* □, meu caro amigo, são os afluentes deles, o CAPS LOCK, o DELETE e o BACK SPACE.

²⁷SEARS, Kathleen. *Mitologia*.SP: Gente, 2015. p.79/82.

□ E o que têm de tão especial que deixam você com essa cara de gato que quebrou o vaso? □ *perguntei-lhe.*

□ No CAPS LOCK, tudo aumenta de tamanho. Pequenas marolas viram ondas enormes, os monstros marinhos têm uma bocarra tão grande que podem engolir tudo. Para eles, você não passaria de um cisco entre os dentes. No DELETE, tudo o que se faz é imediatamente apagado e você acaba ficando doido sem saber o que fez e o que ainda falta fazer. O sujeito não dura uma semana naquele sumidouro. O BACK SPACE é outra sucursal do inferno. Todos os passos que você dá são apagados imediatamente e você simplesmente nunca mais sai do lugar. Morre ali mesmo, sem saber se está indo ou vindo.

□ Vou para o TÁRTARO, TJ — eu lhe disse, decidido —. Nada como uma reuniãozinha em família. Se a Marilyn Monroe aí quiser sair viva deste esgoto, venha comigo. Nasci para o show-business e para a Broadway e tenho um papel pra você no meu próximo filme. É pegar ou largar.

7. OS JUÍZES DOS MORTOS

“Sem crueldade não há festa”
—NIETZSCHE²⁸—

MINOS, ÉACO e RADAMANTO²⁹ eram os Juízes dos Mortos. Assim que os prisioneiros desciam da barca de CARONTE eram arrastados para uma jaula, uns lamentando a má-sorte, outros amaldiçoando quem os havia traído, outros jurando inocência. Alguns rasgavam as roupas, tinham convulsões, vomitavam sangue e batiam violentamente com a cabeça nas grades. Os guardas acabavam com a algazarra disparando pequenos raios-gama que os faziam urrar de dor e cair para trás se estrebuchando no chão. No dia seguinte seriam levados à presença dos três magistrados e suas vidas seriam viradas no avesso.

Depois, ditava-se a pena.

Chamei TJ a um canto e conchavei um plano. Desconectei um cabo óptico do braço e conectei-o em algum ponto da face disforme de TJ. Acoplei ali uma AUXILIARY STORAGE³⁰ e um BACK-END PROCESSOR³¹. Expliquei ao amigo que para o plano dar certo

²⁸NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. SP: Cia. de Bolso, 2012,p.51

²⁹KATHLEEN, Sears, cit.,p.111/112.Segundo a Mitologia grega, esses eram os três *Juízes dos Mortos*. Éaco era filho de Zeus e Égina. É considerado o mais piedoso dos três. Égina teria deixado um filho numa ilha deserta, mas Zeus mandou povoá-la para que o filho tivesse companhia. Esse filho cresceu e se tornou governante da ilha. Éaco teve três filhos: Peleu, Telamon e Foco. Foco tornou-se um atleta adorado por todos, mas, por inveja, seus irmãos o mataram. Éaco expulsou os filhos assassinos da ilha e, quando morreu, Zeus o nomeou um dos *Juízes dos Mortos*. Minos era filho de Zeus e Europa. Era rei de Creta e governava com justiça e equidade. Era ele quem, dentre os Juízes dos Mortos, tomava a decisão final. Radamanto, também filho de Zeus, fora expulso da ilha de Creta por seu irmão, Minos.

³⁰ Memória suplementar.

³¹ Processador escravo que realiza alguma tarefa especializada para liberar o processador principal para outros trabalhos.

ele precisaria de uma memória auxiliar porque o aleijão da placa atingira o chip central e talvez não conseguisse completar uma sequência de tarefas. Conectei-me rapidamente pelo wi-fi da cela e mandei TJ seguir pela rede até o gabinete do juiz MINOS, o presidente do colegiado. Ali, deveria localizar seu processo, fazer um *back-up* através da sua CACHE BUFFER³² e voltar imediatamente para a cela.

Isso não foi problema para TJ. Era um cara cascudo. Assim que voltou com a cópia, estudei atentamente os autos do processo, fiz algumas alterações, devolvi-lhe o *back-up* e mandei que o repusesse de onde tirara.

Feito.

— ¿O que você aprontou, exatamente, WORM? —
perguntou-me.

— Facilitamos o trabalho dos juízes plantando nos autos o que eles precisam saber para uma boa justiça, TJ.

— Mas eu plantei ali umas provas *fake* que você produziu na cela. ¿Isso é certo?

— Deixe-me explicar-lhe uma coisa, TJ. Você é um criminoso. Para o Estado, ainda que você esteja coberto de razão, não passa de um verme. Você é o inimigo, como disse ZAFFARONI³³. E inimigos não têm razão, ainda que a tenham. Mesmo que você fique metade da sua vida numa prisão e seja solto por bom comportamento, mesmo que você tenha sido vítima de um terrível erro judiciário, será sempre um criminoso, um número. Você não conta para a sociedade, exceto como uma despesa na contabilidade pública. Você é o passivo que a sociedade civil quer apagar. As

³²Memória intermediária.

³³ZAFFARONI. Eugênio Raúl. **O inimigo no Direito Penal**. RJ:Revan,2007,2ª. ed.

pessoas vão olhar para a sua cara e verão nela um criminoso nojento. As crianças vão fugir de você. Juízes, promotores, delegados, policiais, serventuários da Justiça, professores universitários, peritos, o padre que dá a extrema-unção, o lixeiro da câmara de execuções e os catadores de rejeitos fétidos dos lixões dos arrabaldes das grandes cidades, todos eles de uma forma ou de outra se alimentam de gente como você e eu, cadáveres adiados³⁴ oficializados pelo Estado num código de barras lançado num prontuário como um pacote de salsichas numa gôndola de supermercado. É com isso que as “pessoas de bem” ganham seu dinheiro honestamente, sustentam suas famílias, comem, compram sapatos novos, estudam e fazem planos para o futuro.

— Ok, Ok. Só não entendo aonde você quer chegar com essa ladainha.

— Juízes gostam de mentiras novas. Os tribunais são iguaizinhos a um circo, TJ. Iguazinhos. Aqui também temos palhaços, malabaristas, trapezistas, engolidores de fogo e atiradores de faca. Com um pouco de sorte, algumas gostosas com quem a gente até se deitaria algumas vezes se não fossem tão frígidas e não vivessem falando de processos. A única diferença é que no circo a gente come pipoca e ri. Aqui dentro não deixam vender pipoca.

TJ ainda estava com cara de paisagem tentando entender a comparação.

□ E agora, vamos descansar porque amanhã nosso dia será divertido.

No outro dia pela manhã, um a um os delinquentes foram sendo chamados pelo pregoeiro e tirados da cela, postando-se em

³⁴ A frase é de Fernando Pessoa.

fila indiana. Havia em tudo uma bromidose ³⁵ insuportável. Cabisbaixos, aproximavam-se da mesa dos juízes, ouviam a preleção do magistrado relator e, depois, a sentença. Uns saíam resignados, sem dizer nada; outros, aos prantos, esperneavam, vomitavam impropérios contra os juízes, os policiais, o sistema. Eram tirados do recinto a golpes de cassetetes eletromagnéticos.

Chegara a vez de TJ.

O pregoeiro anunciou:

□ Processo nº KX-12-B, ESTADO DIGITAL *versus* TROJAN.

TJ deu um passo à frente.

Sem que TJ me visse, pus-me ao seu lado num elegantíssimo terno Salvatore Ferragamo, gravata de seda italiana, sapatos de cromo alemão e um *ipad* debaixo do braço. Vendo a estupefação do amigo, cochichei-lhe no ouvido: “Juízes e tribunais vivem de aparência, TJ. Uma gravata da moda apaga metade da canalhice do sujeito. A outra metade a gente troca por trinta moedas, como Judas Iscariotes, não sei se me entende”.

TJ virou-se para mim, espantado, e perguntou-me como conseguira fazer aquilo, onde arrumara aquelas roupas, que palhaçada era aquela, afinal.

□ Sou um programa autorreplicante, caro cliente. ¿Esqueceu? Posso me transformar em qualquer coisa.

E antes que os juízes abrissem a sessão, dirigi-me a MINOS, o presidente do colegiado:

□ Pela ordem, Excelência. Sou advogado nesta Corte e falo em nome de meu cliente, Sr. TROJAN. Na forma regimental, peço a palavra.

□ Não consta dos autos que V.Exa. esteja inscrito como

³⁵ Odor forte resultante do suor.

advogado do réu, dr. Advogado □ *disse-me MINOS, folheando o processo digital.*

□ É bem provável, Excelência. Sou advogado *ad hoc*³⁶ e *pro bono*³⁷ □ *respondi-lhe educadamente* □. Por mais odioso que seja o crime, é direito moral do acusado se defender por meio de um advogado. É meu dever falar pelo Sr.TROJAN, já que esse pobre-diabo não pode pagar por um advogado particular e não acho justo que o Estado Digital se onere com um defensor para a sua causa. Protesto pela juntada do mandato no prazo que V.Exa. determinar.

□ Tem a palavra, nobre defensor.

□ Obrigado, Senhor Presidente. Serei breve.

Ajeitei elegantemente a beca sobre os ombros:

□. Imagine que V.Exa. vá a um banco sacar o dinheiro do seu merecido estipêndio e, por azar, justamente naquela hora o banco é assaltado. No meio do pânico, os bandidos fogem levando parte do dinheiro e deixando alguns pacotes espalhados pelo chão. V.Exa., vendo aquela dinheirama esparramada, recolhe o que pode e vai ao caixa entregá-la ao gerente. Nisso, a polícia chega lançando bombas de gás lacrimogêneo supondo que os bandidos ainda estivessem por ali. Nova correria, e V.Exa. é atingido na cabeça por algum artefato arremessado pelos policiais, cai e desmaia. Assim que a fumaça se dissipa, a polícia encontra V.Exa. desmaiado e com um punhado de dinheiro na mão. V.Exa. é confundido com um ladrão e não tem a menor possibilidade de provar que é inocente. ¿O que faria? Este é, senhores. Este é □ *dei ênfase ao discurso* □, rigorosamente, o caso do meu cliente. Acusam-no de ser um vírus letal, um “cavalo de troia”, de ter destruído arquivos digitais de gente inocente, invadir sistemas bancários para roubar ou pelo simples

³⁶ “Para o ato”; “para a prática de uma solenidade específica”.

³⁷ Advocacia gratuita.

prazer de destruir. ¿Que provas têm contra ele? ¡Nenhuma! Essa feia cicatriz que carrega na face, Senhores, parece sequela de um contra-ataque, mas não é. Esse aleijão é para ele motivo de orgulho porque é o resultado de uma batalha terrível que, como um valente FIREWALL³⁸, lutou sozinho para defender um valiosíssimo arquivo de dados de uma importante empresa multinacional. Isso mesmo, Senhores □ *virei-me para os demais prisioneiros, para o meirinho, para um crucifixo pregado na parede pouco acima da cabeça do juiz* □. Meu cliente foi confundido com um vírus simplesmente porque lutou bravamente contra os invasores de um sistema de dados para honrar seu trabalho. Quando o perigo passou e o inimigo foi dizimado, viram a sua face deformada pela rudeza da luta, julgaram que fosse um vírus e esqueceram-se de toda a sua bravura. Por isso está aqui pedindo clemência. ¡Clemência, não, Excelências! Pedindo jus-ti-ça! O processo é pobre de provas. É pouco para condenar alguém. Pelo que sei, Sr. Presidente □ e *V.Exa., mais culto e experimentado sabe melhor do que eu* □, não cabe ao réu provar que é inocente, mas ao Estado provar que é culpado. ¿E que prova da culpa o Estado trouxe? ¡Nenhuma! O arquivamento deste processo se impõe por absoluta falta de provas, Excelências. É o que respeitosamente requeiro”.

Era visível o desconforto entre os juízes. Cochichavam uns com os outros sobre o que tinham acabado de ouvir, reviravam os autos, confabulavam discretamente.

Aproveitando-me do eco da dúvida plantada no Tribunal, arrematei:

□ Se lerem com atenção □ *apostei na prova forjada na noite anterior e plantada nos autos* □, Excelências, verão que até

³⁸ *Firewall* ou *parede corta-fogo* é uma barreira eletrônica de proteção. Impede acesso de não-usuários.

mesmo a autoridade policial que incriminou meu cliente tem dúvida da afirmação que faz, tanto que escreveu no boletim de ocorrências □ *que o douto Ministério Público, infelizmente, aceitou como prova cabal* □ que o “furto” do qual meu cliente é acusado é de “autoria desconhecida”. Ora, Excelências, se o ladrão é desconhecido então pode ser qualquer um de nós. Eu, V.Exa., o sr. meirinho, o douto representante do *Parquet* ou qualquer um dos que estão aqui aguardando sentença. Diria até, Presidente □ *mas, isto é mero esforço de retórica, e não uma acusação formal* □, que o criminoso bem pode ser o próprio delegado de polícia que acusa o meu cliente por um crime cuja autoria é desconhecida, apenas para esconder o verdadeiro culpado ou se livrar do penoso ofício de investigar. Isso é fazer tautologia, e não ciência jurídica. Algo como um cachorro mordendo o rabo. ¿É para isso que estudamos tanto, Excelências? Creio que não.

Deixei a tribuna e fui sentar-me ao lado de TJ. Segurei sua mão e cochichei-lhe: “Confie em mim, TJ. Ainda há juízes em Berlim”.

TJ continuava atônito.

Os juízes ouviram tudo em silêncio. Compulsaram os autos, ponderaram, refletiram por alguns instantes e assentiram com a cabeça. Em seguida, o presidente pigarreou, esfregou as mãos e disse:

□ Dr. Advogado, V.Exa. tem razão. A acusação é inconsistente. A prova que temos é insuficiente para condenar. O processo será arquivado. Seu cliente está livre. ¡Parabéns!

TJ simplesmente não acreditava no que acabara de ouvir.

Voltei à tribuna só para tripudiar:

□ Permita-me abusar da paciência da Corte, Senhor Presidente. Preciso fazer dois registros importantes. Quero, primeiro,

registrar em meu nome e em nome do meu cliente nossos agradecimentos por decisão tão justa e exemplar. Quem dera tivéssemos em todos os outros tribunais juízes com tamanha envergadura moral como a que V.Exas. demonstraram que têm. É triste ter de registrar um agradecimento público quando um tribunal faz justiça porque fazer justiça é a essência de qualquer tribunal. É isso o que todos esperam dele e é o que todos os juízes deveriam fazer. Mas nem sempre é assim, infelizmente. Esse é meu primeiro registro. O segundo, Presidente, e igualmente necessário, é o de que V.Exa. mande expedir em meu favor e em favor do meu cliente um salvo-conduto para que CARONTE nos leve de volta à terra firme, desta vez sem nos exigir qualquer pagamento e sem nos açoitar impiedosamente como o fez na nossa caminhada a esta Corte, e para que V.Exa. mande HADES prender aquele vira-latas chamado CÉRBERO porque aquele cão desocupado, de não sei quantas cabeças, adora um bife de gente e vive arrancando os calcanhares das almas para impedir que deixem o Submundo. Muito obrigado.

O auditório caiu na gargalhada.

8. “PECUNIA NON OLET”³⁹

A caminho de casa TJ e eu não trocamos uma palavra. Já em terra firme, ele quebrou o silêncio:

□ Não sabia que você era advogado, WORM.
 □ Nem eu, TJ. Mas eu também não sabia que você era um inocente FIREWALL. Então tá zero a zero.

□ Mas eu não sou. Sou um vírus do mal.
 □ ¿Não? □ *finji espanto* □ Eu jurava que era. Então você mentiu para os juízes.

□ ¿Eu, WORM? ¡Mas você é muito cara de pau! Você se faz passar por advogado, encena aquele teatro ridículo na tribuna, puxa o saco dos juízes, forja provas, apaga o processo original, diz que eu não sou um vírus, mas um FAREWALL, ¿e depois eu é que menti para os juízes? ¡Que talento! ¡Se você não é advogado, devia ser!

□ Se você podia dizer não e não disse, você disse sim, TJ. Foi HANNAH ARENDT quem disse isso em “Eichmann em Israel”, se não me engano. E depois, meu caro amigo, a “mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer”⁴⁰.

□ ¿Isso não pesa na sua consciência?
 □ A advocacia é a arte de iludir, meu chapa. O advogado é um sujeito de consciência alugada. Nascemos de uma semente

³⁹“*Pecunia non olet*” significa, em latim, “o dinheiro não tem cheiro”. É um princípio de direito tributário para justificar a cobrança, pelo Fisco, da sua parte no dinheiro, não importando a sua origem. A expressão seria originária de um diálogo entre o imperador Vespasiano e seu filho Tito. Tito teria se envergonhado da fortuna que o pai arrecadava com a cobrança pelo uso de banheiros públicos, ao que o imperador, pegando uma moeda de ouro, teria esfregado no nariz do filho e perguntado: “Olet?” (Fede?).

⁴⁰ Frase do poeta brasileiro Mário Quintana.

podre. Só podemos gerar frutos podres. Já ouviu falar na “teoria da árvore envenenada?”.

□ BEM, WORM □ *TJ conformou-se com a explicação* □, numa coisa você foi fantástico: chamar o CÉRBERO de “vira-latas comedor de bife humano” foi show.

□ Juízes e advogados gostam disso, TJ. De latinório barato, rapapés, datasvênias, coisas prolixas e muita puxação de saco. Têm a autoestima muito baixa e não prestam atenção no que é óbvio porque o óbvio é difícil de enxergar. Dê-lhes pão e circo e se julgam muito úteis à sociedade.

□ ¿OK, OK, Mr. Freud. O que faremos agora?

□ Ora, amigo, faremos o que sabemos fazer de melhor: roubar dos ricos para dar aos pobres, que, no caso, somos nós mesmos. Mas, antes, vamos dar um jeito na sua cara. As pessoas não te enxergam como você é, mas como gostariam que fosse. “Narciso acha feio o que não é espelho”. Já ouviu falar de Caetano?

Seguimos por uma rua elegante, lojas de grife e gente rica rindo à toa. Ricos riem à toa. Se não têm nada para fazer ou onde gastar seu dinheiro, riem do tédio. Paramos defronte a um prédio chique, dois grandes vasos de plantas adornando um belo portal de arquitetura marroquina.

□ É aqui, TJ. Vem comigo.

O elevador de aço escovado parou no 14º andar. Esgueiramos por dois ou três corredores repletos de discretas lojas de produtos eróticos, um escritório de contabilidade e uma empresa de turismo. Ao fundo, tocamos a campainha. Uma morena de curvas perigosas e grandes olhos azuis abriu e perguntou o que queríamos.

□ Quero falar com o seu patrão, bonequinha. Diga-lhe que é o “Senhor das Trevas”.

A moça esperou que passássemos, trancou a porta e

entrou numa ampla sala separada de outra por um gigantesco aquário. Em seguida, a porta abriu-se e apareceu um sujeito dos seus 40 anos, meio calvo, nariz arrebitado, trajando um terno Kenzo de fino gosto:

□ ¡WORM, irmão querido. Que saudade! Dá cá um abraço! Andou sumido, garoto. Pensei até que tinha morrido!

□ Não morro, parceiro. Multiplico-me.

□ ¿O que manda? ¿Um golpe novo, precisa dum canto para se esconder da polícia digital, tá fugindo de algum marido corno?

□ Tô di boa, irmão. Só preciso de um *upgrade* neste cabra aqui. Tá meio baleado. Mas vou logo avisando: tô sem nenhum. Tem de ser no fio do bigode. E de quebra me empresta aí uma nota de 50. Depois te pago.

□ Assim você me ofende, WORM. ¡Francamente! ¿Desde quando você precisou de dinheiro comigo? Eu nunca vou esquecer o que você fez por mim.

Sorri.

□ Muito prazer □ *meu amigo estendeu a mão a TJ* □. Vamos ver o que podemos fazer por você.

TJ deitou-se numa cadeira reclinável, meu amigo baixou um ACCESS ARM⁴¹ com uma luz intensa na ponta e tirou uma CHIP PULLER⁴² da gaveta. Franziu a cara e comentou:

□ Tá bem feio isso aqui, rapaz. ¿Briga por mulher?

□ Antes fosse, amigo. Foi um CRACKER⁴³ invejoso. Mas já não é mais deste mundo...

□ Xiii. Sei como é isso. De cara já posso te dizer. Temos

⁴¹ Braço de acesso.

⁴² Ferramenta para retirada de chips.

⁴³ Vândalo virtual. Mesmo que hacker.

uma BAD TRACK⁴⁴. Isso causa uma pequena DATA-LOSS⁴⁵. Dos males, o menor. Vamos torcer para não ter atingido a ACCOMPLISH TASKS⁴⁶.

Meu amigo conectou dois ou três cabos num processador, ajustou em TJ uma espécie de capacete repleto de chips, microprocessadores e cabos catódicos e apagou-o por alguns instantes até que fizesse um back-up de sua memória RAM e removesse a placa danificada. O serviço durou menos de uma hora. Removida a placa, meu amigo botou uma novinha no lugar. Implantou um DEFRAGGER⁴⁷, um chip de memória DOUBLE SPEED⁴⁸, um AUDIO SOUR⁴⁹ de cada lado, visão tridimensional infravermelha, raio x, sensor óptico e um moderno ACOUSTIC COUPLER⁵⁰. De quebra, implantou um FAIL-SAFE-CIRCUITY⁵¹ do tipo EASY-TO-USE⁵². “Cortesia da casa” — *disse*. Desconectou TJ do processador e disparou um e-mail-teste. A nova placa respondeu com o ACKNOWLEDGE⁵³. Deu um BOOT UP⁵⁴.

Funcionou!

O trabalho ficou excelente. O sujeito era um craque, e não um DWEEB⁵⁵. Quando TJ recobrou os sensores e pediu para ver sua cara no espelho, deu um grito de alegria e beijou a mão do meu amigo.

□ Você está ótimo, TJ. Se eu fosse uma moça de família

⁴⁴ Área do disco com algum defeito físico.

⁴⁵ Perda de dados por problemas de *hardware* ou *software*.

⁴⁶ Unidade de execução de tarefas.

⁴⁷ *Software* que apaga arquivos inutilizados para criar espaço na memória do disco.

⁴⁸ Velocidade dupla.

⁴⁹ Conjunto de placas de som.

⁵⁰ Conversor de impulsos elétricos.

⁵¹ Circuito sem falha, responsável pela recuperação dos erros de comunicação.

⁴⁰ Fácil de usar. *Software* de auto-ajuda.

⁵³ Sinal enviado por um receptor para indicar que uma mensagem transmitida foi recebida e que ele está pronto para a próxima mensagem.

⁵⁴ Inicialização do sistema a partir da execução de um programa de *boot*.

⁵⁵ Termo pejorativo para indicar pessoa sem habilidade em computação.

me casaria com você“.

Riram.

Fomos para a rua. TJ não se cansava de fazer *piropos*⁵⁶ a todas as mulheres com quem topava pela frente. Fomos a uma banca de jornais.

□ A FORBES mais recente, por favor □ *pedi ao jornaleiro estendendo-lhe a nota de 50 que o meu amigo me dera.* □. Fique com o troco.

Sentamos num banco de praça, folheei lentamente a revista. O horóscopo dizia para eu ter cuidado com resfriados e que meu número da sorte era 31. Corri os olhos pelo caderno de esportes, tsunami na Tailândia, avanço do estado islâmico e corrupção no Estado. Parei na lista das dez empresas mais rentáveis do mundo. Virei-me para TJ e disse-lhe:

□ Hora de ganhar dinheiro, TJ. Todo homem tem seu preço e você tem de ter uma graninha no bolso se precisar comprar um.

□ ¿Qual é a jogada?

□ Simples. ¿Tá vendo esta lista aqui? São as dez empresas mais lucrativas do planeta. Vamos nos tornar sócios de uma delas.

□ Claro □ *TJ pilheriou* □, com o rabo cheio de dinheiro como estamos, ¿quem não iria nos querer como sócios?

□ Seu problema, TJ, é que você tem uma cabecinha suburbana. Tendo futebol e o que comer hoje tá muito bom. Lembre-se de Maquiavel: no mundo há dois tipos de pessoas: os que

⁵⁶Galanteio portenho consistente em frases criativas que os homens argentinos faziam às mulheres, nas ruas, elogiando seus dotes físicos, e cujo prêmio consistia em fazer com que elas virassem o rosto em direção ao galanteador e se sentissem lisonjeadas. Cf. RABINOVICH-BERKMANN, Ricardo. **Trilhas Abertas na História do Direito**. RJ: Lumen Juris. 2011, p.212.

mandam e os que obedecem. Você escolhe o lado em que quer ficar.

Expliquei-lhe meu plano. Eu copiaria o site da empresa e substituiria a página de modo que qualquer um que a acessasse a partir de um computador da empresa na verdade estaria trabalhando na página falsa, e não na verdadeira. No primeiro acesso, o IP da máquina de quem acessou a página de dentro da empresa ficaria registrado na página falsa. Através dessa porta entraríamos no miolo da máquina, abriríamos uma BACKDOOR⁵⁷ e bloquearíamos os FIREWALLS. Por essa brecha entraríamos no sistema da empresa, acionaríamos o seu FILE FOUND⁵⁸ e copiaríamos arquivos importantes como negócios futuros, sistema contábil, projetos em andamento, lançamentos de novos produtos, investimentos de capital, lucros e contas a receber. Em seguida, TJ deveria sair dali e postar-se na agência de um determinado banco onde eu já teria criado uma conta provisória num nome falso. TJ deveria aguardar na boca do caixa automático até que eu fizesse contato.

□ Mas, para isso, precisamos voltar à clínica do nosso amigo cirurgião-plástico.

Subimos novamente ao 14º andar, pegamos um laptop e nos escondemos no fundo de uma saleta entupida de HDs velhos, monitores quebrados e caixas de placas-mãe, chips e *drivers* novinhos em folha. Acessei o site da BUCKING & BROTHERS CORPORATION, uma petroleira estrangeira, copiei sua página e botei uma *fake* no lugar.

□ Agora, é só esperar o peixe morder a isca □ *dei-lhe uma piscadela* □.

⁵⁷Brecha; buraco.

⁵⁸Rastreador de arquivos.

Cerca de dez minutos depois alguém da empresa postou um *folder* publicitário de um produto revolucionário. Disparei uma réplica do tipo MYDOOM e abri uma brecha na máquina do usuário. O MALWARE⁵⁹ desarmou os FIREWALLS e deixou escancarado o sistema de dados da empresa. Houve uma DROP-DOWN⁶⁰. Era a vez de TJ entrar em ação. A um comando meu TJ instalou-se rapidamente no computador do usuário pela internet, acionou seu FILE FOUND⁶¹ e começou a copiar os arquivos. Saiu dali sem deixar vestígio e caminhou rapidamente para a agência bancária que lhe indiquei. Entrei no sistema e mandei um e-mail para a secretária executiva do presidente da BROTHERS: “Olá. Meu nome é WORM. Quero US\$1.000.000,00 em *bitcoins* na minha conta em dez minutos ou vou destruir todos os seus arquivos, inclusive os *back-ups*”. A secretária nem deu bola. Pensou que fosse brincadeira do colega da sala ao lado. Um minuto depois, mandei-lhe outro recado: “Ok. Você se acha muito esperta e pensa que estou brincando. Abra a página “negócios futuros” do site da sua empresa e veja o que vai acontecer”. Mais curiosa que assustada a secretária acessou a página. Uma a uma as letras e números da página começaram a despencar e, por fim, ao lado da expressão “*deleted*” piscando na tela, apareceu: “WORM esteve aqui”. A moça tentou recuperar a página de todas as formas, tentou a cópia de segurança. Nada! Os arquivos e as cópias tinham sido apagados. Caiu em desespero. Na tela do seu computador pus outra mensagem: “Chame seu chefe”. A moça saiu em disparada e contou os fatos ao presidente. Pálido, ele

⁵⁹Vírus utilizado por *hackers* para invadir sistemas de computadores.

⁶⁰Desabilitação total do sistema.

⁶¹Rastreador de arquivos.

veio até o terminal da secretária. Ela digitou: “O presidente está aqui, Sr. WORM”. “Ótimo”, respondi-lhe. Em seguida, digitei; “Quero US\$1 milhão em *bitcoins* na conta A-JTR-000-09, do Banco Digital, em um minuto, ou vou apagar todos os seus arquivos importantes”. O presidente tentou desconversar, ganhar tempo, mas sempre fui um negociador implacável. “Ok, Presidente, o Sr. quer ganhar tempo. Enquanto pensa vou deletando seus arquivos. Acesse “Projetos em andamento para a África Setentrional” e veja o que acontece. Estarrecido, o executivo viu as letras, planilhas e gráficos de custos e investimentos derretendo-se na tela. Ao fim, a expressão “*deleted*” e, depois, “WORM esteve aqui”. “¡Espere! Espere, senhor WORM! □ *disse-me* □ Não apague mais nenhum arquivo, por favor. Vou fazer o que manda. Por favor, não delete mais nada. Apenas mantenha-se conectado!”.

O CEO ligou para o financeiro e ordenou a transferência.

Liguei para TJ:

□ ¿Ainda estamos no vermelho, sócio?

TJ respondeu:

□ Deus existe, patrão. Temos um milhão de verdinhas na conta.

□ Limpe o cofre e fique aí.

Voltei ao executivo:

□ Gostei do Sr., Presidente. Gosto de gente honesta. Se quiser seus arquivos de volta deposite mais US\$500 mil em *bitcoins*.

O CEO obedeceu.

□ ¿TJ?

□ Sim, Grande Midas.

□ ¿Mais algum trocado na conta?

□ ¡Quinhentos contos!

□ Raspe o tacho e volte ao “consultório” do nosso amigo.

Devolvi à empresa o back-up e sumi da rede.

Sáímos pela cidade namorando as moças, criticando a inflação e a carestia.

- ¿Tá com fome, TJ?
- Muita, chefe. O dia foi *punk*.

Entramos num restaurante chique:

- *Me gustaría un malbec e un asado, por favor.*

Comemos, bebemos, dividimos a grana.

À saída, nos abraçamos como se não nos víssemos há décadas:

□ ¿Amigos para sempre, WORM? □ *TJ estendeu-me a mão.*

- Sócios, TJ. No meu mundo não há amigos.
- ¿E onde eu te encontro, caso precise?
- Vivo em todas as cidades ao mesmo tempo. Ou elas

vivem em mim, como as cidades invisíveis que MARCO POLO descrevia para KUBLAI KHAN⁶².

TJ ainda não dera três passos. Gritei por ele:

- !TJ!
- Sim, chefe.
- Três coisas: a Justiça falha; o Mal sempre vence.
- Vou me lembrar disso, chefe.

— Outra coisa, novato: *pecunia non olet*.

- Copiado, *capo*.

Acendi meu cigarro, tomei a direção do centro assoviando baixinho

“Por una cabeza, metejón de un día,

⁶²CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. SP: Cia. das Letras, 2009.

de aquella coqueta y risueña mujer... ”⁶³.

□ ¡Táxi!

⁶³ GARDEL, Carlos. “**Por una cabeza**”.